

UMA COMUNIDADE DE ALDEIAS NA SERRA DA AVELEIRA (1)

São três quilómetros de Arganil à Nogueira — três quilómetros a subir suavemente por uma estrada, primeiro insinuada entre pinheiros que descem até ao sulco donde se ergue o Mont'Alto, depois seguindo o cimo duma suave elevação alongada, em que se inspira o nome da povoação que a estrada atravessa: a Lomba. Só nas suas proximidades o pinhal cede lugar às oliveiras e aos campos exíguos, ressequidos e pobres. A Lomba fica já perto da Nogueira: umas escassas centenas de metros as separam em distância, e as unem pela continuidade dos campos, integrados no fundo plano e largo da Ribeira, que na Nogueira nasce e a estrada agora segue. Em frente, enquistada no sopé da serra, no ponto em que se cruzam as diferentes linhas de água das quais resulta, eis-nos perante a Nogueira, coroada pelos campos que sobem a encosta abrupta, em degraus sustidos por muros de pedra. Ultrapassado o cimo da serra, surge-nos um núcleo modesto de casas, que se erguem acima de socacos em que campos toscos se desenvolvem: a Aveleira (fig. 2). Três aldeias da Beira xistenta, próximas e unidas por destinos afins. Aldeias pobres, nascidas do solo pobre de xisto, e em que tudo o que existe é insuficiente, pobre também: os meios de vida, a estruturação social, a própria felicidade.

Aldeias de mulheres. De mulheres que, desde crianças, lutam pelas magras refeições, e que vêem ir-se os pais, os maridos, os filhos, com a promessa de voltarem um dia, e muitas vezes não voltam. Elas próprias têm apenas um desejo: ir também. A própria esperança de que, um dia, terão vida melhor, e dinheiro com que adquirir «luxos» em Arganil, não

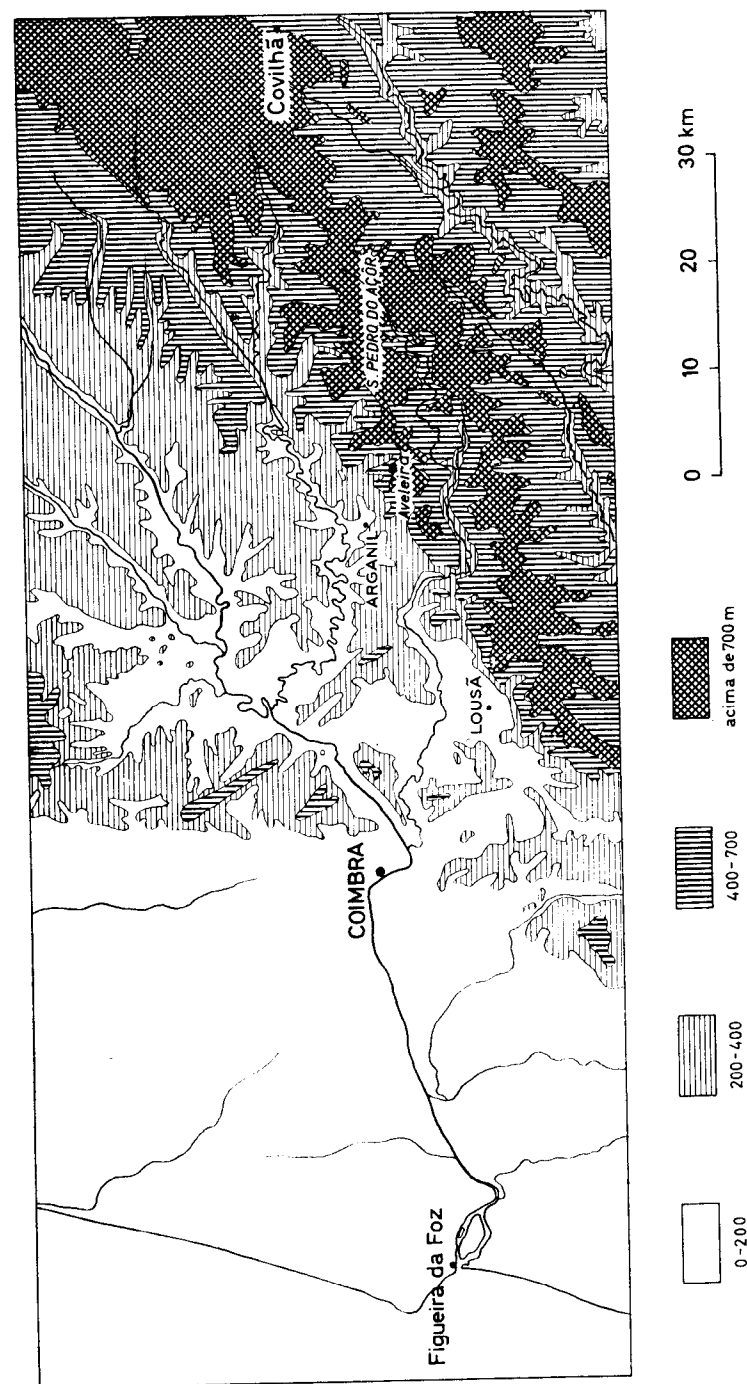


Fig. 1 — Localização da serra da Aveleira.

(1) Vid. localização na fig. 1.

lhes chega. Querem «ir», partir para a «cidade», que é sempre Lisboa, deixar os campos, as casas e as ovelhas, e viver uma vida diferente, menos árdua, menos estagnada sobretudo. Para a cidade, já que «para fora» nem pensar. «Para fora» vão eles — tentar a sorte, trabalhar, amealhar: a América, agora fechada às suas esperanças e aos seus braços ávidos de trabalho, o Brasil, a África, sim, a África onde pode chegar o seu jornal, o jornal que lhes poderá levar notícias da terra, o jornal de Arganil... Às vezes não voltam. Sobretudo os que vão para a cidade e lá se fixam de facto, empregando-se, chegando mesmo ao cabo de muita persistência a abrir «estabelecimentos» — casas de pasto, tabernas, padarias... Voltam à terra, sim, mas em Setembro, pela festa. Alimentam então por ela uma amizade feita de saudade e renúncia. Constroem uma casinha melhor, onde vêm de quando em vez e onde acabarão os seus dias, se puderem. As mulheres então irão com eles, e os filhos. A casa ficará fechada, os campos arrendados ou vendidos. Se um dia voltarem não precisarão deles, ou comprarão outros se valer a pena, «que não vale: cada vez há menos gente que os queira trabalhar — homens não os há, e as mulheres têm os seus; de mais se estafam elas. Vivem mal, mas cuidar deles e dos outros é muito». É muito, de facto. Só quem as vê, labutando nos campos, roçando mato nas encostas árdias, carregando à cabeça molhos enormes desse «mato» que irão levar ao gado estabulado na «loja» para que lhe sirva de cama, e voltar e carregá-lo de novo, quando já estrumado, agora para os campos; só quem as vê, cuidando da casa pobre, das suas refeições e das dos filhos, vivendo com queixumes e mágoa, pode então avaliar que é muito. Mulheres rudes, de olhar leal e riso sadio, que sabem o que custa um naco de broa e a tentativa duma vida melhor.

A HUMANIZAÇÃO DA SERRA DA AVELEIRA

Na montanha de xisto, socalcada na vizinhança das aldeias, a vida humana repousa nas técnicas conjuntas da agricultura e da criação de gado, encarada a primeira como base fundamental, e a segunda como complemento indispensável na alimentação e sobretudo na *correção* das fracas possibilidades dos solos. Pela sua situação de montanha que se integra na grande muralha central de condensação dos ventos húmidos

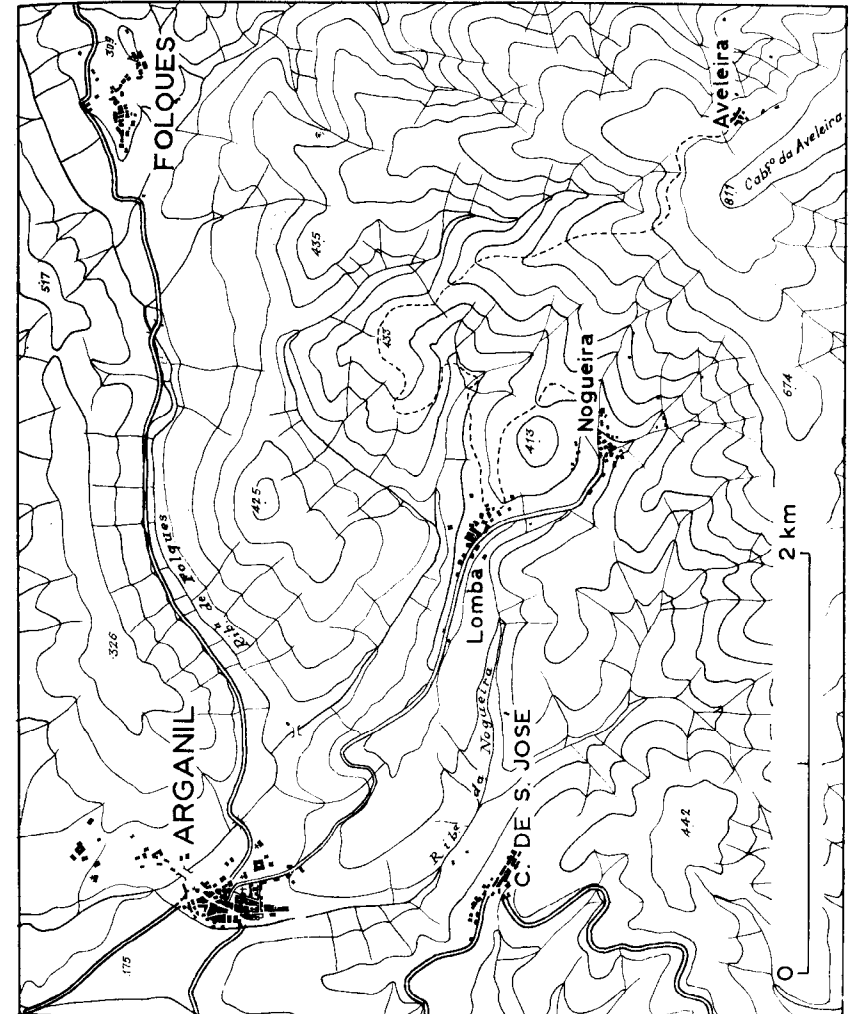


Fig. 2 — Uma comunidade de aldeias na serra da Avelreira. Equidistância das curvas de nível: 50 metros.

do Atlântico, a utilização da água não é difícil: água das chuvas, na estação que simultaneamente apresenta uma média de temperatura adequada ao desenvolvimento das plantas — a Primavera, com todas as flutuações que podem comprometer tal desenvolvimento —, água dos cursos permanentes ou semi-permanentes, desviada pelos regos, feitos no solo, até aos campos a utilizar. Pela sua condição de montanha de xisto, de encostas descarnadas, de rocha a nú, necessário se tornou a socalcagem do terreno, criadora do solo a que lançar semente.

O milho é o centro de toda a actividade agrícola. As hortaliças, a batata essencialmente de sequeiro e a azeitona completam o quadro dos produtos do solo. Em tempos não muito remotos (há cerca de 60 anos), a castanha constituía um dos produtos básicos a integrar nos recursos alimentares, mas ainda a batata não atingira a larga expansão que hoje atinge em consequência da morte dos castanheiros, cuja área na montanha, a partir daí, foi invadida por pinheiros, por iniciativa dos próprios proprietários que os viam morrer. No entanto, na várzea da Ribeira — «o Chão» — a responsabilidade do seu desaparecimento parece dever-se à arroteia. Nos seus campos permanecem esparsos alguns castanheiros alheios à doença, como se para tanto lhes bastasse a generosidade do solo em que se implantaram. Porém, todos os que residualmente existem, não adquirem hoje perante as aldeias, especialmente a Nogueira e a Lomba, um valor que não seja puramente sentimental.

Em 1758, a principal produção agrária da região de Arganil é o milho grosso, e poucos mais são os frutos da terra cultivada, segundo os documentos da época. «Da Serra desta Vila, chamada da Aveleyra, não há (...) coisa digna de memória mais do que a sua aspereza e ser toda indigna de que a habitassem»⁽²⁾. Apesar disso é já humanizada, pois que a Nogueira e a Aveleira marcam os agrestes pendores, e mais longe a Lomba denota a existência dos seus oito fogos. As notícias dadas, relativas a este aspecto da serra, apenas revelam a existência de gado miúdo — cabras e ovelhas — e de trigo «muito bom» que «por muitas partes» se cultivava. Mas a referência à

existência do milho na região de Arganil, como principal fruto do trabalho da terra, induz-nos a aceitar que a sua integração na paisagem rural se não encontrava em começo. Somos mesmo levados a crer que é em função da importância que adquire o seu cultivo no Chão da Ribeira da Nogueira, que se efectua a constituição duma nova aldeia — a Lomba, ao tempo com oito fogos —, embora o carácter recente da sua introdução não elimine a importância tradicional do cereal de sequeiro. Entretanto, quanto a essa data, de nenhum elemento preciso dispomos. Integrado no Centro do País, tardiamente em relação ao Noroeste e à importância que desde logo ali assume na remodelação da economia rural, ele vem beneficiar, na região em causa, duma técnica de regadio decerto evolucionada e estabelecida em função de propósitos diferentes: a obtenção de pastagens e de hortejos ao longo do curso de água, de vale de fundo suficientemente plano e largo, enquanto nas faldas das montanhas o cultivo essencial era o do cereal de sequeiro. Na serra da Aveleira, esse cereal seria o trigo, segundo os documentos da época, e decerto o centeio, que, muito provavelmente omitido por tão vulgar nas áreas montanhosas de Centro do País, ainda hoje residualmente existe nas terras quentes e secas das «Eiras», na Nogueira. Uma vez porém processada a expansão do milho — a favor não apenas dos terrenos regados como também dos campos da montanha, sem rega assegurada no Verão — ele veio ocupar a área do centeio e, coexistindo e alternando com hortejos, beneficiar de toda a rega possível. É aliás viável a hipótese de que, no Chão da Ribeira, o que existe de lameiros no Inverno, que é muito pouco, seja um testemunho dum elemento decaído da economia de Nogueira — a pastagem do gado grosso.

A reconstituição dum tal quadro dá-nos, para uma época anterior à presença do milho, uma paisagem de montanha, em que a dominância do centeio era uma constante durante os meses de Inverno e o magro solo a nú ficava exposto durante todo o Verão a um empobrecimento contínuo. Por outro lado, o Chão da Ribeira estaria ocupado durante o Inverno por pastagens e durante o Verão ofereceria os produtos hortícolas que a rega em abundância pudesse facultar. O gado grosso, alimentado com as ervagens do prado, e o gado miúdo, de sustento assegurado pelos baldios da serra, forneciam o estru-

⁽²⁾ *Dicionário Geográfico de 1758* (ms. da Torre do Tombo), v. 72, p. 425.

me, o leite e a carne que, com a castanha, constituíam o recurso de sempre.

Uma vez o milho entrado em suas terras, toda a vida agrícola se organizou em torno dele. Por desnecessário, o centeio decaiu e as pastagens deixaram de valorizar uma terra onde um *optimum* de condições a tornava eleita para o cereal novo; os hortejos ganharam uma expansão cada vez maior, e, uma vez impossível o largo consumo da castanha, a batata tomou o incremento que fez dela, com a broa, as couves e os enchidos de porco, a base da alimentação dos aldeões. Por outro lado, a substituição da gordura animal pelo azeite processou-se certamente a partir do declínio da criação de gado. A oliveira, que domina os declives soalhentos e coroa os socalcos da Nogueira até perto dos cumes recobertos de pinhal, dispõe-se geomêtricamente em geios nos terrenos recentemente valorizados das «Eiras». As arroteias, na serra, a seu favor e sobretudo a favor do milho — que justifica a socalcagem perfeita e o regadio nas encostas — tornaram-se responsáveis, por seu turno, pela estabulação do gado miúdo da vertente noroeste e pela redução do número de cabeças.

Que a introdução do milho na serra veio modificar os elementos da paisagem agrária, homóloga à do Noroeste de dois séculos anteriores, integrando-os numa paisagem que, apesar disso, hoje nela não encontra correspondência, é uma hipótese de pôr, que os documentos históricos não valorizam com provas. Entretanto, pela situação da montanha relativamente aos ventos húmidos e pelos motivos de excepção—centeio e criação de gado — que permanecem entre os elementos básicos da paisagem, até que ponto nos não é lícito admiti-la?

A AGRICULTURA

O cultivo do solo combina o regadio e o sequeiro. Na Nogueira e na Lomba, opõe-se a agricultura do vale aluvial à das encostas de xisto, problema que se não pôs à Avelira, sem terras baixas a que estender os seus cuidados. Contudo, a solução do regadio embora de perspectivas diversas, impôs-se aos habitantes da serra como um dos fundamentos da sua agricultura. No Chão da Ribeira, as populações da Nogueira e da Lomba exercem-no através do desvio de águas do seu curso

para os campos mais próximos, e sobretudo por intermédio de dispositivos destinados a captar a água subjacente ao solo aluvial, relativamente profundo. Surgem assim a picota e o poço com nora movida a pés e mãos — «a sangue», como se diz —, menos vulgarmente por animais e, em menor escala, utilizam-se bombas de elevação. Nos «poiais» da serra, a água é desviada dos ribeiros por intermédio de «levadas» — regos feitos no solo, por onde corre até ao campo a irrigar, prosseguindo deste ao outro quando lhe é desobstruída a passagem ⁽³⁾, e assim sucessivamente. Para isso efectuam-se pequenas barragens junto às nascentes, para a aprisionar. Constituem-se assim as chamadas «poças», que durante o Verão se enchem tantas mais vezes quanto maior for o caudal dos ribeiros, o que estritamente depende da frequência das chuvas nas estações anteriores. A partilha das águas faz-se por acordo tácito, sem almotacé nem tribunais, cada campo dispondo delas tantas vezes quantas as possibilidades que houver, visto que o prazo de rega, proporcional à extensão do campo, voltará a ser retomado enquanto a seca se não fizer sentir. Em anos ricos de chuvas, que não são os mais frequentes, os regatos não chegam a secar no Verão durante tempo apreciável e as águas retomam-se várias vezes. As colheitas são então mais ricas e proveitosas e os trabalhos minuciosos vivificam por muito tempo a terra escaldante.

A existência de regadio relaciona-se hoje com o rendimento dum cultivo alicerçado essencialmente no milho e nos produtos hortícolas. No Chão da Ribeira, recoberto por tufo de milho durante todo o Estio (est. I), cresce também, associando-se-lhes intimamente, o feijão, e em menor escala a abóbora. Mas, uma vez sachado o cereal, quando se procede ao «arrendamento» — que consiste em libertá-lo das ervas daninhas —, semeia-se a erva que ocupa os campos depois da ceifa, até à Primavera seguinte. Contudo o gado grosso, a cuja alimentação se destina, é extremamente raro, motivo pelo qual se não generaliza hoje a sucessão tradicional de culturas no solo aluvial, e por isso os campos ficam desocupados todo o resto do ano, a

⁽³⁾ A obstrução é efectuada por intermédio de pequenos tapumes feitos ocasionalmente com terra e pedras, a que se chamam «tornadoiros».

menos que se cultive batata de regadio no início dos Outonos ainda quentes (est. II).

Nos «poiais» da montanha, o ritmo dos trabalhos é marcado pela sucessão milho-produtos hortícolas (est. III). O milho é temporão, uma vez que a sua semente se lança à terra dois meses mais cedo do que o do vale, para aproveitar as últimas chuvas da Primavera, prevendo que os ribeiros muito cedo deixem de levar água. Desta vulgar ocorrência resulta essencialmente o seu baixo rendimento e o facto de se encontrar, entre os caules, tufos elevados de painço, cuja produção se destina a fins não alimentares, como seja o fabrico de vassouras. Mas sempre que possível é regado e o seu rendimento aumenta consideravelmente, apesar da pobreza do solo. Quando o milho do Chão da Ribeira amadurece, já a maior parte dos campos dos socalcos substituíram o seu por produtos hortícolas, especialmente por nabos e couves tronchas que permanecem na terra durante grande parte da época das chuvas, mas que, enquanto estas não chegam, serão «aguadas» (4). Este processo emprega-se, sobretudo, para fazer crescer uma outra espécie de couve: a galega, que permanece no solo durante cerca de dois anos, fornecendo consecutivamente as folhas, enquanto o caule vai crescendo até endurecer excessivamente, o que não acontece antes desse prazo. Elas são plantadas no limite dos talhões cultivados, ou nos bordos dos «poiais» e, com menor frequência, em extensões à parte nos campos. A planta é obtida em canteiros, onde foi semeada e vigiada até à transplantação, a menos que se obtenha por compra no mercado da vila (Arganil). Uma vez transplantadas, rebentam pelo S. Miguel, cerca das primeiras chuvas, que se encarregam depois de alimentar esta horta de terrenos secos.

Mas é unicamente a batata, semeada nas terras das «Eiras» ou nos declives da Lomba, desocupadas de qualquer cultivo que não o da árvore (oliveira), que se não rega nunca. O sequeiro encontra-se-lhe praticamente restringido, pois embora o milho dos «poiais» conte principalmente com as águas das chuvas, toda a água dos ribeiros, pouca que seja, é aproveitada no sentido de melhorar o seu rendimento, e as pró-

(4) A operação consiste em fornecer a cada planta uma determinada quantidade de água, com um púcaro grande: o «aguadeiro».

prias «galegas» são aguadas enquanto a rega não termina. Até os toscos socalcos da Aveleira são regados sempre que a água do pequeno regato se mantém; menos frequentemente embora, por se situarem na vertente sudeste da serra; a água é dominada na nascente pela represa que possibilita a sua distribuição por «levadas». Mas tão raramente, que os produtos agrícolas oferecem um aspecto desolador, afogados no matagal que apenas em parte pertence às suas terras. Reduzido assim a um mínimo o regadio, a Aveleira é tipicamente uma aldeia de serra, mais aparente pelo arvoredado e pelo mato que a envolvem do que pelos estreitos socalcos sobre que se ergue.

Duma maneira geral, portanto, a agricultura da região em que se localizam estas aldeias assenta essencialmente em três factos: um regadio sobretudo de abundância, que apenas não estende os seus benefícios onde o homem o não pode levar, uma socalcagem dos terrenos abruptos, que os transforma em exíguos tractos de terra plana, e o aproveitamento em larga escala de estrume animal.

Os campos são abertos. Apenas por vezes, na várzea, os seus limites aparecem marcados por paliçadas de suporte do feijoeiro. Mas vulgarmente são apenas pequenas lajes rectangulares de xisto que dividem os campos, quadrangulares nos socalcos ou alongados perpendicularmente à ribeira. A árvore, esparsa nestes últimos, dissocia-se-lhes, nos declives, ou domina os cultivos que admite à sua sombra, nos socalcos das «Eiras» e nas encostas da Lomba.

Os produtos agrícolas são, por seu turno, essencialmente o milho, a batata e os horteijos. O milho constitui não apenas o centro de toda a actividade, a base da alimentação e dos cuidados da gente destas aldeias: é também de todos o que mais poderosamente marca a paisagem de Verão, com a sua presença sucessivamente verdejante e doirada, trepando pelas elevações socalcadas ou cobrindo uniformemente as terras chãs. Da semente — lançada em Maio às terras de regadio assegurado, e em fins de Março aos «poiais» da serra — brotará o colmo que, em pequeno, é rodeado de cuidados minuciosos, sachando-se a terra em torno do sítio em que desponta, para a arejar, e libertando-o das ervas daninhas para que não lhe perturbem o crescimento. A rega fornece-lhe, numa época em que a temperatura lhe é propícia — a estival —, a humidade de que necessita

para bem se desenvolver. O milho temporão — dos «poiais» —, beneficiando de menos calor e humidade, não rende tanto como o serôdio, mas nem por isso exige menos cuidados. Pelo contrário, procura-se proteger o solo abrasado e pobre em que cresce, cobrindo-o com caruma dos pinheiros, antes das exíguas regas, para que a humidade se lhe conserve por mais tempo. Quando desenvolvido, «escana-se», tirando-lhe a «cana de cocuruto» (a bandeira) para que a espiga não roube a seiva que enriquecerá os bagos. As longas folhas são enfeixadas, constituindo-se assim os «maranhos», que, à maneira de carapuço, se enfiam nos «canoilos», agora apenas suportando as espigas, para que acabem de secar. Por fim, quando maduros, cortam-se então os caules, rente ao solo. Tirando-se-lhes as espigas, cascama-se, e, uma vez na eira, os «mangualdes» libertarão os bagos dos «casulos». Só então, depois de devidamente secos pelo sol, serão guardados na arca até que o moleiro os leve e os converta em farinha.

O milho oferece pois o bago, que moído dará a broa, as bandeiras e palha que servirão para a alimentação do gado, e os canoilos que, queimados, fornecerão cinzas à terra, antes das primeiras chuvas. Assegura assim uma economia fechada, de subsistência, que, a um tempo, fornece alimentação às pessoas e gados e ajuda a adubar as terras pobres.

Só os produtos hortícolas desempenham papel um pouco diferente na economia desta tão pobre região, porque permitem uma certa transacção a dinheiro. Com efeito, a comodidade de que se reveste a obtenção de plantas a dispor na terra, sem ter de se vigiar o seu despontar, embora saiam mais caras, e sobretudo o aprego que é dado a tais produtos, inclusivamente aos grelos de nabos e couves, pelas populações menos ligadas ao campo, justificam a presença muito frequente das aldeãs no mercado da vila, como vendedoras e como compradoras. Os molhos de folha de couve às suas cabeças, quando vão e vêm pela estrada à quinta-feira, são um traço dominante cujo significado não é possível ignorar.

E é o dinheiro que resta de tais transacções que permite a compra de um ou outro produto de necessidade premente, inclusivé na alimentação. A sardinha seca, no seu tempo, é, sob este aspecto, o primeiro artigo a adquirir no mercado de Arganil. Comprada em escassa quantidade, ela vai durar uma

grande parte da semana, até à nova ida ao mercado, na quinta-feira próxima. Há que fazê-la render, porque a poupança, extrema e regrada, justifica a permanência e a esperança em mais abastados anos...

A CRIAÇÃO DE GADO

Manchas doiradas, na paisagem de Verão, atestam a presença humana, entre o verde fundo do arvoredado que recobre a montanha — pinheiros gigantes que contrastam com a faixa de pinheiros pequenos que, acima dos 800 metros, os coroam, pequenas manchas residuais de carvalhos, e castanheiros esparsos de grandes e recortadas folhas dum verde luminoso, quando já não amarelecidas e mortas pela doença que os persegue. Atapetando o chão, a urze, o tojo, a carqueja, a silva, oferecem a quem os calca as pequenas flores ou os minúsculos frutos, o aroma sadio que desprendem e os espinhos agrestes da sua muito pobre defesa.

Desta forma enquadradas, as aldeias parecem, em primeira análise, ter procurado como complemento de uma pobre agricultura a criação de gado miúdo, pouco exigente em matéria de alimentação e podendo, por si próprio, procurá-la no monte. A cabra e a ovelha inserem-se assim no modo de vida tradicional, tal como os hortejos e a castanha e, mais tarde, o milho e a batata. Lançadas «a monte», alimentando-se nele de tudo que a seus dentes não resistisse, elas representaram sempre para o aldeão a carne apetecível dos dias de festa e a possibilidade de extrair do magro solo mais do que ele garantia, pelo aproveitamento do estrume animal.

Uma vez avolumada tal perspectiva, surgiu nas aldeias de modo de vida mais tipicamente agrícola — a Nogueira e a Lomba — a estabulação permanente do gado, na «loja» da habitação. O rebanho de cabras e ovelhas deixou de ser visto na encosta norte da serra da Aveleira e nos suaves pendores da Lomba. As mulheres e as crianças alimentam-nas com os excedentes de milho, e buscam no monte o mato que lhes sirva de «cama», de forma a ser estrumado, de novo levado aos campos e queimado. Integrado no solo quando da laboração deste antes das sementeiras, aguarda as chuvas ou as regas que o introduzem nele, fertilizando-o. Criados conjuntamente com o rebanho de

cabras e ovelhas, rebanho em que a proporção das primeiras se reduz cada vez mais, os porcos, de número sempre limitado, não representam encargo algum, visto que se alimentam dos sobejos da casa. Em contrapartida, fornecem a gordura animal e os enchidos, que doutra forma o aldeão não teria possibilidade de obter.

Por outro lado, o gado grosso, quase inexistente, surgiu a expensas das terras baixas da Ribeira, fàcilmente sujeitas a uma rega de abundância no Inverno e hoje ùnicamente criado com a finalidade de ajudar o homem na laboração dessas mesmas terras. Contudo, as duas únicas juntas de bois comuns às aldeias da Ribeira, desempenham-se perfeitamente da missão, e apenas os seus donos se preocupam em tornar lameiras as suas terras do «Chão». Os outros camponeses, quando necessitam dos animais, alugam-nos aos proprietários, prescindindo assim do cuidado de manter um cultivo de certo modo dispendioso e dispensável, até porque a pequenez dos campos e a minúcia do seu arranjo o não justifica.

Na Nogueira e na Lomba, portanto, a criação de gado só excepcionalmente se não restringe ao miúdo, que, estabulado permanentemente na loja e encarado essencialmente como produtor de estrume, de leite e só muito raramente de carne, dispensa a existência de pastores, dedicando-se todos os moradores da aldeia apenas à agricultura.

Na encosta sul da serra, a Aveleira apresenta, sob este aspecto, perspectivas diferentes. A agricultura nunca ocupou totalmente a vida da população, pela inexistência de terrenos de regadio francamente assegurável e portanto de colheitas compensadoras do esforço dado, todo inteiro, a uma terra ingrata. A criação de gado não surgiu pois numa posição secundária, como complemento alimentar e como correcção acessível dos solos. Pelo contrário: ela centralizou a atenta actividade da população, criou em torno de si um complexo de vida, em que o cultivo dos solos apenas se insere como complemento. Tal como as aldeias do outro lado da serra, a Aveleira concilia as duas técnicas de pura subsistência. Mas enquanto a Nogueira, situada cerca de 400 metros abaixo do cume, beneficia da água dos regatos e da ribeira que criou o solo plano e relativamente rico, a Aveleira, quase no topo, na encosta sueste, longe de qualquer curso de água de carácter permanente e de qualquer nesga de

solo prometedora, encarou de frente a possibilidade de utilizar a única coisa de que a natureza a dotou com prodigalidade: o espinhoso matagal da serra. As suas cabras e ovelhas, lançadas «a monte» em rebanhos individuais, conduzidos cada um por seu pastor, ainda hoje encontram protecção nas figuras minúsculas dos poucos rapazitos que revezam seus serviços pelos parentes. As lendas de lobos e raposas, desconhecidas na outra aldeia, andam nas bocas das mulheres e das crianças que permanecem. E uma tradição, hoje morta, de pastoreio, revivesce ainda nas recordações em torno da lareira, nas noites longas de Inverno. A «loja» da casa de xisto destinava-se já à estabulação do gado, mas sòmente quando este necessitava recolher. Um dia, porém, os serviços oficiais de rearborização demarcaram pela cota de 800 m o limite inferior das plantações de pinheiros, e o pastoreio na Aveleira deixou de existir. O gado passou única e exclusivamente a ser criado na loja pequena, òbviamente reduzindo-se o número de cabeças por família, e todo o complexo da sua actividade parou. Os aldeões viraram-se de facto para a terra, como primeira condição de subsistência — a terra dos socalcos minúsculos que lhes ocupara os lazeres, ou sòmente a actividade dos mais pobres, a terra sem rega assegurada, do milho temporão e da batata de crescimento garantido só pelas chuvas, a terra vazia pelo Inverno fora, rocha escaldante por todo o Verão. Então houve que repetir todos os cuidados da Nogueira, em torno dos socalcos: houve que promover ao máximo a utilização da rega, fazendo uma represa na nascente do pequeno regato, houve que aproveitar a caruma dos pinheiros para a terra do milho, antes das prováveis regas, houve que transportar o mato roçado pela encosta, à loja do gado, houve que levá-lo em molhos até aos campos, quando estrumado, para o queimar, para tornar a terra menos ingrata.

O gado reduziu-se a isso: a produtor de estrume. E a vida da aldeia manteve-se, mas em novos moldes. Manteve-se, mas terrivelmente amputada. Se na história evolutiva da Nogueira haverá que distinguir duas fases (antes e depois da introdução do milho e da batata, independentemente das incrementadas possibilidades de emigração dos seus homens), há que distinguir na Aveleira três, independentemente também das perspectivas abertas pela emigração: a primeira antes da introdução dos produtos do Novo Mundo em suas terras, a segunda entre este

momento e o da interferência de interesses dos Serviços Florestais na sua área, e, somente ultrapassado este, a terceira. Duma forma embora fictícia, a Nogueira evoluciona: os emigrados, ao lembrarem-na, sabem que permanece o ritmo de vida da aldeia onde cresceram. Um dia que voltem, acharão os mesmos regatos descendo a serra ao encontro da longa ribeira, os mesmos «poiais» doirados, quando o «Chão» é ainda verde, o mesmo labor monótono por que ansiaram libertar-se, mas cuja existência, tão longe, se transfigura e os encanta, por contraste com os árduos trabalhos a que permanecem alheios. Raros são os que se desenraízam de todo, e mesmo esses recordam a sua aldeia como um oásis de ar puro e são convívio, em que se desenrola ainda a sua vida de infância. Os homens da Aveleira, porém, não voltam nunca. A aldeia despoeira-se aos poucos: morre lentamente. Desde sempre menos ligados à terra, pelo seu cultivo, nela os seus sentimentos se não enraizaram tanto como os dos vizinhos. E uma vez adulterada a expressão de vida do seu «povo», à miséria que recordam alia-se o desinteresse por algo que apesar de tudo fora seu e de que se encontram completamente desligados. Desinteresse forçado que, de todo, os desenraíza da serra, de que anseiam libertar-se, correndo-lhes, quando longe, toda a possibilidade de saudade, de revivescência, de laços. Nem revolta, sequer. Apenas esquecimento.

AS ALDEIAS

Analisadas de perto as circunstâncias que uma agricultura fruste e uma decadente criação de gado possibilitam às populações que unicamente nelas estruturaram a sua vida, evidente se torna a sua incompetência no sentido de justificar totalmente a permanência das gentes em tais lugares. A queda do seu isolamento surgiu a favor do crescente desequilíbrio entre o Homem e a Serra — e o Homem, proliferando apesar dos muito pobres recursos por ela facultados, procurou noutros lugares assegurar a sua vida. O primeiro passo nesse sentido teve como consequência a formação duma nova aldeia: a Lomba. Sendo incontroversa a minúcia do recenseamento da população do

Reino em 1527 ⁽⁵⁾, que atribui aos lugares da Nogueira e da Aveleira, do termo da vila de Arganil, a existência respectivamente de dezasseis fogos e de um fogo, o significado da ausência de qualquer alusão à Lomba é por demais evidente para que possam subsistir dúvidas quanto à modernidade relativa da sua formação. A Lomba deve certamente a sua existência ao aumento populacional da Nogueira a favor da introdução do milho que, singrando pelo Chão da sua ribeira, acabou por sugerir a necessidade de se constituir uma nova *póvoa* — processo comum, aliás, na humanização do território nas montanhas de xisto da Cordilheira Central. Uma vez constituída, recebeu elementos de outra origem, sobretudo numa época recente em que se processa o descerrar das aldeias de toda a área, a favor da facilidade de comunicações. Contudo, esses contributos esporádicos de forma alguma se revelam com significado mais lato. Foi a gente da Nogueira que se fixou na elevação de terreno sobranceira ao Chão, repetindo as técnicas de apropriação do solo que na velha aldeia aprendera, levantando as mesmas casas, vivendo da mesma maneira. Pelo caminho que leva às «Eiras» da Nogueira, na vertente oriental do curso de água, conservou a ligação com a sua origem — caminho frondoso que ainda hoje as liga como cordão umbilical, apesar da estrada Nogueira-Arganil: estrada sobranceira ao Chão, de menor declive, mas totalmente desabrigada.

Se a Aveleira se manteve à margem de tal processo de alargamento foi porque decerto não cresceu da mesma maneira. Mais recente, de resto, do que a aldeia próxima, como indica a existência de um fogo em 1527 — quando logicamente nos não é dado admitir que ele represente um limite de decadência em tal época —, o seu desequilíbrio surgiu mais tarde, quando o caminho que se desvendava perante seus olhos — a emigração — não era já uma aventura, mas um hábito na montanha.

A emigração para o estrangeiro (Brasil, primeiro, Estados Unidos, numa época mais recente) e nos nossos dias para o Ultramar marca, pois, não apenas o segundo passo do descerrar das aldeias da serra, como a constante comum das suas vidas

⁽⁵⁾ Magalhães Collaço, *Cadastro da População do Reino (1527) Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa 1931.

a partir do instante em que cada uma delas sentiu revelar-se a incompatibilidade da sua permanência com os recursos locais.

A diminuição dos contingentes dados por elas à emigração portuguesa surge por força das limitações impostas por tais países à imigração em seu território, revelando-se-lhes entretanto uma terceira perspectiva: a industrialização de Arganil. Praticamente inconsequente em relação à Aveleira, pouco sensível na Nogueira, na Lomba ela revela contudo o poder da sua sedução. Porquê tal discriminação relativamente à Nogueira? Se a Aveleira pode justificar o seu alheamento pela distância e pela dificuldade, que são grandes, de comunicação com a vila, a Nogueira pouco mais distante dela se encontra que a Lomba. É a mesma tradição das técnicas de pura subsistência, o mesmo desequilíbrio das gentes perante elas; porquê diferente atracção exercida, numa ou noutra, pela vila tão próxima? Será porque a Lomba, muito mais recente, possui uma menos longa tradição emigratória que a Nogueira? Estamos, nesta hipótese, a colocar as perspectivas de emigração antes da formação da Lomba, mas não cremos que ela, antes disso e sobretudo antes das modernas vias de comunicação chegarem a tão remotos lugares, tenha criado raízes e recordações. Mas mesmo que o argumento possuísse valor, até que ponto nos seria lícito admiti-lo, dado o contacto permanente entre ambas as aldeias, dado o aliciante das mesmas perspectivas simultaneamente reveladas?

De qualquer forma, enquanto a velha Nogueira coloca os homens no tradicional exílio que lhes assegura a existência, na Lomba a par desse facto, muitos deles permanecem, em função dos empregos assegurados pelas fábricas próximas; mais modestas serão sempre as suas vidas que as dos retornados, mas permitem-lhes a permanência junto da família, da casa e da terra. Eis, pois, aqui o surgir duma nova classe, a par da do agricultor: a do operário. Apesar de pobre, ele tem pelo menos a ilusão dum salário, e a companheira, cuidando dos campos, possibilita a sua fixação na cidade, à margem da incerteza duma vida longínqua. E isso também vale alguma coisa.

A Nogueira — A Nogueira é das três aldeias em causa a mais desenvolvida, de qualquer ponto de vista. Núcleo perfeitamente aglomerado no sopé duma serra, precisamente no ponto

em que confluem diferentes linhas de água que nem sempre secam no Verão, ela fundamentou a sua existência na agricultura — agricultura pobre, penosamente levada a cabo num solo delgado e estreito de xisto, arrancado à montanha por socalcagem, ou menos penosamente singrando pelo vale de solo profundo e relativamente largo da ribeira, que parte em direcção à Lomba e se continua até ao Casal de S. José.

A principal faixa de penetração de socalcos pela encosta da serra apresenta continuidade sensível, no espaço, relativamente aos campos da ribeira. Corresponde porém ao arrazamento artificial dum interflúvio entre dois vales esboçados na referida encosta — arrazamento que cessa sensivelmente à distância dum terço do cimo da serra. A partir de então o campo cede lugar à árvore: oliveira e pinheiro que, respectivamente, sobrepõem os seus contrastantes verdes aos «poiais» de milho ou de produtos hortícolas. A outra faixa de socalcos, mais exígua, imperfeita e afogada em arvoredos, segue as vertentes escancaradas do vale traçado pelo regato mais ocidental dos que confluem na Nogueira. Nas vertentes que ladeiam a superfície plana em que a ribeira corre — o Chão da Ribeira — nada existe de semelhante. A mais exposta ao sol encontra-se, até à altura em que começa o pinhal, transformada numa escadaria de degraus onde cresce a oliveira, rodeando palheiros com eiras anexas. A outra, sombria, não exposta à ardência do sol do Verão, reveste-se de pinheiros desde a base ao cimo.

A Nogueira é uma aldeia típica na nossa paisagem existente de montanha. Colocada entre a veiga fértil e irrigável e os estreitos socalcos, as suas casas de xisto, ao longo das ruas íngremes, revelam entretanto uma variedade a que não é estranha a sua evolução. Nas linhas gerais, contudo, todas obedecem ao mesmo plano, concebido no propósito de abrigar gente e gado sob o mesmo tecto. Estamos portanto perante a casa rural do Norte, composta de loja e sobrado. Loja para o gado miúdo, sobrado, que se lhe sobrepõe, destinado à habitação da família a que o gado pertence. A casa, sempre construída de pedra, pode ou não ser exteriormente rebocada e caiada e o telhado, de telha, de uma ou duas águas, pode apresentar vestígios, nos beirais, das lousas que as telhas substituíram. Estão neste caso apenas as casas velhas, sempre de pedra a nú, com

duas portas para a loja, e uma para o sobrado, no cimo duns toscos degraus, cobertos de lajes.

Estas casas estão, em geral, desabitadas. Foram abandonadas ou a favor de outras mais evolucionadas ou porque os seus antigos moradores saíram da terra e não voltaram mais. O primeiro caso é o mais vulgar. Apenas as pessoas muito pobres habitam ainda em casas deste tipo. As que o são menos, devem-no ao facto de terem, a dada altura, deixado a terra, rumo a outras onde conseguiram elevar o nível de vida ao fim de muitos anos de trabalho incansável. Voltaram então com o suficiente para ampliarem, por compra de outros, os seus pedaços de terra, entregando o amanho a jornaleiros, e para construir uma casa melhor. Essa casa melhor, embora composta sempre duma loja e dum sobrado, pode chegar a ter um aspecto totalmente diverso do tradicional. Por vezes, apenas é mais alta e maior, mais ampla, de «sobrado» bastante bem dividido e escada interior que lhe dá directamente acesso; é rebocada, muitas vezes caiada, com a porta do sobrado nitidamente diferente das da loja (em número duplo), por ser de madeira trabalhada, à maneira da vila. Acontece, e é mesmo vulgar, que nestas casas amplas e arejadas o gosto pela luminosidade se revele pela existência dum vidro quadrangular, sobre a porta do sobrado, destinado a tornar a escada clara. Noutros casos, menos correntes, a casa feita com pedra ou tijolo apresenta um aspecto mais requintado, evocador das vilas e cidades do Centro Litoral (est. IV), mostrando um telhado de duas águas cortado transversalmente pelo dum pequeno sótão (o «forro»), que se destina essencialmente à arrecadação de produtos e alfaias agrícolas. A chaminé, de inexistente ou tosca nas casas tradicionais, ganha também certo requinte e apresenta-se trabalhada com um formato piramidal ou simplesmente rectangular. O problema da secagem das espigas encontra muitas vezes solução na construção dum terraço, ao nível do sobrado, com gradeamento de ferro, e a casa antiga, primitiva e escura, destina-se à arrecadação da palha do milho e das alfaias agrícolas: é o «palheiro», ou o «telheiro» (como também se diz, o que evoca um arcaísmo ultrapassado nestas construções), hoje muitas vezes situado perto da casa de habitação, porque os «retornados» vulgarmente têm possibilidade de comprar uma casa, dentro do tipo exigido, que remo-

delarão, em vez de mandar construir uma. É frequente, porque tendo essas casas já há algumas gerações entrado no enquadramento da aldeia, muitos dos seus moradores morreram, e os herdeiros, emigrantes por seu turno ou instalados em outra localidade próxima, já delas não necessitam e vendem-nas por baixo preço.

Apesar de tudo, continuam a existir casas recentemente construídas só com a finalidade de palheiros. Não se enquadram entretanto no núcleo habitacional; situam-se antes, como atrás referimos, em filas sobrepostas na vertente oriental da ribeira. Anexas ficam-lhes as eiras de lajes, em que os «mangualdes» libertarão o milho dos «carolos». E, rodeando todo o conjunto, as oliveiras projectam sobre ele as suas rendilhadas sombras.

Uma outra dependência da casa, de resto muito vulgar, é o forno. Tal como os palheiros, não se sobrepõe à loja, e é como eles de pedra a nú e telhado de uma água. Podem ou não apresentar um «fuga», que consiste na existência, no telhado, duma telha ou duma laje levantada para facilitar a saída do fumo. No forno coze-se broa uma vez por semana. Retira-se a cinza, que fica como resíduo da cozedura, com o auxílio dum «varriscadoiro», de cabo muito comprido, feito com fetos e mato, depois de extraídas as brasas com um rodo de madeira. Cinzas e brasas depositam-se na «borralha», espécie de quadrado escavado na parede do forno, por baixo da porta, e destinado exactamente a este fim. Junto a uma das paredes laterais, um banco de madeira ou um patamar de lajes, erguido sobre pedras de xisto, destina-se a servir de apoio ao alguidar e à gamela de broa, depois da cozedura. No canto oposto, amontoadas, lenha, caruma e pinhas revelam o combustível que se utiliza.

Os fornos nunca são comuns a pessoas diferentes. Quando muito, pertencem a diversos herdeiros dum único proprietário, no passado. Como nem toda a gente possui forno e entretanto todos necessitam cozer a sua broa, aqueles que os possuem abrem a todos os outros as suas portas. Mas existe preço: o borralho e as cinzas que resultam da cozedura. O borralho, que cedem com frequência, destina-se à lareira das próprias casas. A cinza ficará depositada e constitui o adubo preferido para os talhões destinados às hortas: os alfobres.

Mas a Nogueira é hoje essencialmente constituída por casas brancas, de telhados de telha (est. V, A), em que as tradicionais casas escuras e baixas, de fisionomia muitas vezes alterada, foram relegadas para funções secundárias ou continuam desempenhando a sua primitiva função: a de fornos ou de palheiros. Estes constituem, como vimos, o testemunho muito frequente dum isolamento ultrapassado pela saída das suas gentes que, no contacto com o mundo e outras terras, ganharam perante a sua um sentimento de amistosa sobranceria, que os não impede de voltar, mas que os leva a modificar-lhe o parecer.

A própria aldeia traz pois, em si, o cunho da sua estruturação e das desigualdades sociais dos seus habitantes. Aglomeração puramente rural, em que a própria presença dos gados, adivinhada por detrás das portas das lojas, se subordina à agricultura, é nas possibilidades de trabalho das terras longínquas que ela encontra o fermento da sua vida. A população que permanece, constituída por mulheres, crianças e «retornados», não conhece outros recursos que não sejam a agricultura e os proventos dos emigrantes. Em função disso, as desigualdades sociais, se bem que não grandes, manifestam-se: existem os proprietários e os jornaleiros, estes sempre mulheres. Não significa isto que elas não possuam os seus pedaços de terra, que no entanto não dão para viver. Valem-lhes os ganhos dos maridos, embora longe. Mas valem-lhes também os «jornais» nos dias de trabalho, em terras dos que têm melhor sorte: «retornados» ou gente que vive na cidade e apenas à aldeia volta nas férias, se as tem. Estes quase sempre conservam as terras, que não podem «amanhar», e aqueles voltam endinheirados e sobretudo cansados, gastos pelos anos de trabalho e de sacrifício, pelos anos que passaram e, quantas vezes, são muitos. Um dia que outros voltem, novos proprietários se constituirão, novas jornas a dar que ganhar... E cada vez menos jornaleiros, já que, cada vez mais, as mulheres acompanham os maridos, ou vão, por conta e risco, para a cidade, como criadas, vendedeiras... Em rigor todos são, pois, proprietários. Apenas uns são-no unicamente, e os outros são, além disso, assalariados em terras alheias.

Eis pois em que se estrutura a vida social da aldeia: na desigualdade da pobreza. Uma única profissão: a de agricultor. Um único modo de viver, de se alimentar, de vestir. Uma

grande distinção, entretanto: aqueles que têm algum dinheiro e os que esperam vir a tê-lo.

A Lomba — Seguindo a estrada Arganil-Nogueira, forçoso se torna atravessar a Lomba no sentido da sua maior extensão. A primeira sensação que nos fica é a de que a Lomba nada mais é do que essa sucessão de casas atípicas que, dum e doutro lado, limitam a estrada, para só a abandonar quando ela se inflecte para a direita, rumo à Nogueira. A partir daí, segue ao longo do caminho que a prolonga em linha recta e que sobe a encosta da serra, abrupta a partir de então.

O topónimo Lomba inspira-se na forma alongada do interflúvio entre os dois pequenos vales escavados na encosta xistenta por dois ribeiros nascidos na serra. A estrada actual e o caminho, a que nos referimos, seguem-lhe a linha definida pelas suas mais elevadas cotas. Dum e doutro lado, os campos exíguos cobrem-lhe os suaves pendores, até atingirem os fundos planos dos vales: só então beneficiam da presença da água por todo o ano.

Mas, ao contrário do que seríamos levados a supor, segundo as primeiras impressões, a Lomba não é apenas o casario ao longo da estrada. Ela estende-se através da descida da sua encosta oriental, ao longo de ruas estreitas e ramificadas que cortam transversalmente a rua principal: a estrada. Aí nos surge a povoação primitiva e pobre de solo xistento: as casas tradicionais e escuras, quase sempre habitadas, embora por vezes com aparência de abandonadas, os fornos, os recantos e pátios por onde se permite o acesso às casas circundantes (est. VI), as latadas que a miúdo, as unem, as alfaias e o mato aparentemente abandonado à entrada da «loja» fechada. Só ao longo da estrada e proximidades dela as casas ganham um novo aspecto: casas de quem viu terras diversas da sua aldeia de xisto. Repete-se e por vezes ultrapassa-se, ganhando cor, a casa recente da Nogueira: o mesmo telhado de uma ou duas águas, cortadas ou não pelo sótão, o mesmo vidro quadrangular sobre a porta do sobrado, de madeira trabalhada e enquadra em branca moldura.

É de resto aqui que nos surge a única casa comercial da Lomba, onde acorrem também, não raro, as pessoas da Nogueira: é uma mercearia-taberna, a que se sobrepõe uma casa

de habitação. A única. Mas nenhuma mais teria grande probabilidade de vingar: a proximidade de Arganil e do seu mercado, à quinta-feira, apenas deixa margem a uma modesta casa que vende às pequenas populações algo que não se justifique ser comprado em quantidades suficientes para a semana: os fósforos, a pedra de sabão ou a caixa de detergente, o vinho para o jantar... E, sobretudo, que assegure um ponto de reunião, à noite, para os homens que nelas permanecem.

Não foi portanto junto à estrada que se gerou a povoação. A grande densidade de casas «aldeãs», evocando, embora muitas com um carácter evolucionado, as da Nogueira, existe não aqui, mas segundo as diferentes ruas que em direcção perpendicular ou oblíqua (relativamente à estrada) são por ela truncadas. Notícia vaga e imprecisa nos chegou de que a Lomba surgira ao longo dum caminho antigo que punha em comunicação com o Mont'Alto e a sua anual romaria de Agosto as povoações que, de Góis ao Casal de S. José, procuravam por esse processo encurtar caminho, evitando Arganil. De resto, a estrada Arganil-Nogueira, muito recente, não coincide nesse ponto com o caminho que veio substituir e, se é nitidamente em função da estrada actual que se alinham as casas de traço moderno, evidente se torna que ela gerou a última área da aldeia.

É pois provável que a origem da Lomba, muito menos remota que a da Nogueira, a expensas da qual se formou, tenha sido de carácter comercial, justificada pela atracção revelada pela gente da aldeia mais próxima de tal local, em se fixar aí esporadicamente, em função da passagem de peregrinos eromeiros. De estabelecimento esporádico passou a permanente numa época em que a emigração não se fazia ainda em larga escala, e o seu princípio comercial volveu rural, já porque este tinha o carácter permanente que lhe assegurava a fixação, já porque, a pouco e pouco, facilitados os transportes por camionagem de Góis a Arganil e daqui ao Mont'Alto, a utilização a pé do penoso caminho decaiu. É provável até que a actual casa comercial única da Lomba resulte ainda duma antiga tradição, mantida pelos factos que mencionámos. Entretanto, perante a Nogueira exclusivamente rural, ela adquire o valor obscuro dum símbolo. Que a Lomba se tenha constituído, pois, pela fixação de gente da Nogueira aí, não repugna admitir. A favor

da sua modernidade relativamente à Nogueira, existe a grande densidade de casas tradicionais evolucionadas no núcleo antigo da povoação. Os traços evolutivos de tais habitações consistem na existência de dois pisos sobre a «loja» do gado: o primeiro, servindo de arrecadação de palha e alfaias agrícolas e o segundo, projectado para o exterior por uma varanda de madeira sustentada por pilares também de madeira, destina-se à habitação da família. O acesso ao último andar provém duma escada interior a partir do primeiro, já que a exterior apenas a este dá directamente acesso. Como a Lomba, ao contrário da Nogueira, se situa no cimo da elevação de terreno, descendo ao longo da encosta oriental, as casas deste tipo não são entretanto na maioria sensivelmente mais elevadas do que as outras, porque, adaptando-se ao declive, a separação entre a loja e o primeiro piso constitui um nível horizontal pouco rebaixado da cota mais elevada que o terreno atinge.

A construção desta casa significa uma economia de espaço, por reduzir os anexos de tipo palheiro, e simultaneamente coloca o seu morador numa intimidade menos estrita com o gado encurralado na loja. Praticamente inexistente na Nogueira, conjugando entretanto algumas vantagens sobre a tradicional que ainda ocupa uma grande proporção na própria Lomba, ela revela a existência dum propósito de permanência no quadro dos tradicionais moldes da economia agrária, em função da qual aí se fixaram permanentemente as suas gentes.

Ainda que separadas ambas as aldeias por algumas centenas de metros, a continuidade dos campos do Chão da Ribeira as une, sugerindo um dos caminhos seguidos no sentido da constituição da nova póvoa: o alongamento da área dos campos, incrementado pela introdução do milho. Apenas os «sequeiros» nitidamente se confinam aos respectivos limites e opõem-se na sua formação pela socalcagem do declive da serra, acima da Nogueira, e pela inexistência de socalcos ao longo dos campos que descem as encostas da Lomba. A explicação de tal diferença consistirá não tanto num menosprezo pelos difíceis trabalhos de socalcagem como no facto dos declives bastante suaves não o justificarem? Ou traduzirá, no propósito da formação da recente póvoa, uma menor ligação do homem à terra, numa época em que a emigração e a atracção da cidade e da vila começam a revelar-se em tais paragens? Cremos que

na conciliação de ambas as hipóteses se encontrará a resposta que procuramos.

Como referimos, a Lomba, além do contingente fornecido à emigração, possui actualmente, em função da vila industrializada próxima, homens moços que trabalham e constituem por si apenas uma classe: o operariado, muitas vezes de carácter artesanal, como os marceneiros e os carpinteiros, que representam a grande percentagem. Nunca, contudo, trabalham na aldeia. À vila próxima, a pé, algum mais afortunado, de bicicleta, eles deslocam-se diáriamente logo pela manhã, regressando apenas findo o dia de trabalho. O aspecto da aldeia durante as horas activas repete pois o da Nogueira: as mesmas mulheres trabalhando nos campos próprios e alheios — pequeninas glebas a que dedicam toda a minúcia dum cultivo esmerado. As mesmas crianças destinadas a terras diferentes da sua, os mesmos homens que delas voltaram esperando agora que os dias se desenrolem iguais e calmos, ciosos das suas casas e das suas terras, cujo cultivo vigiam e a que dão, quando podem, achegas que só as mãos de dono sabem dar...

Aldeias típicas da paisagem xistenta... A homogeneidade de outrora tinha o isolamento por causa e preço — preço elevado para as povoações que cresciam e estagnavam incrustadas na rocha, cuja fisionomia profundamente alterada falava da luta das gerações que aí persistiam em viver. Com a evolução dos tempos, contudo, surgidas cada vez mais as possibilidades de contactos e migrações dos povos em todos os sentidos, as povoações isoladas tendem a desaparecer por adulteração ou por morte. Estão no primeiro caso a Nogueira e a Lomba. O seu enquadramento continua a revelar essa luta milenária do Homem na Montanha de Xisto e o ávido aproveitamento de todo o Chão da Ribeira. Mas os homens de hoje deixaram de procurar talhar a rocha a seu jeito, de criar o solo nos «poiais» levantados a um preço jamais pagável — mas pelos seus antepassados. Deixaram de levar a monte as suas cabras e ovelhas, de viver tranquilos no dia-a-dia surgido na montanha, de amar a terra, o sol, a chuva e o vento que possibilitam as espigas de milho e os verdes hortejos. A agricultura é hoje tarefa de mulheres. E ao partir para longe e por longo tempo, ou saindo, em cada dia, da sua casa da aldeia para qualquer fábrica da

vila próxima, o homem destas paragens aceita confiante e seguro o seu destino de renúncia à terra e às «femininas» funções de lhe lançar a semente, rodeando-a depois dos infinitos cuidados que a tornarão planta um dia.

Quando criança ainda, habitua-se a ver a própria mãe, sustentando à cabeça o peso do mato para a cama do gado (est. V, B), perder-se nas longas tarefas campesinas dos dias longos, com a mesma infinita paciência com que, em casa, lhe prepara o jantar e a roupa que veste. O pai, se se emprega na vila, vê-lo-á a espaços breves com outros interesses e um remoto cuidado pelas tarefas de que não está incumbido. Se está longe... se está longe nem sempre recorda o seu rosto. Mas, ao crescer, ele sente que o seu lugar não é aí, correndo pelos caminhos da montanha ou espreitando o crescimento do milho com olhos de mulher ou de criança. Há que partir, como os outros homens, forjar-se em trabalhos desconhecidos e árduos, ouvir o barulho das máquinas ou os ruídos das grandes urbes. Volvidos anos, mina-se no desejo de voltar, mas de voltar bem: fazer ver à gente da aldeia que também ele soube mourejar e amearhar, fazer ver a si próprio que, apesar de nascido numa aldeia humilde da serra, conseguiu viver um pouco a vida dos outros homens e que o dinheiro ganho longe o pode enfim libertar da apertada malha que a natureza aqui acaba por tecer em torno dos que se lhe não furtam.

Foi pois nesse sentido que ousámos chamar à Nogueira e à Lomba aldeias típicas na nossa paisagem xistenta. Não apenas porque as suas casas de xisto, abrigando pessoas e gados, se enquadram na pobre cultura dos pequenos campos circundantes, mas porque as mais recentes englobam no seu aspecto actual as marcas do destino que tal solo e tal pobreza traçam aos homens: partir. Só em função da sua ausência, estas aldeias podem subsistir com um mínimo de estagnação. É porque se ausentam que um dia, voltando, eles construirão novas casas e se preocupam ainda com a valorização das terras; é porque se ausentam que um dia, voltando, trazidos por um complexo sentimento de que a distância os não libertou, dotarão o seu «povo» de todos os melhoramentos de que se sintam capazes. Por este processo surgiu a escola da Nogueira, a capela e o mirante-coreto que se engalanam no dia da festa, a estrada, inclusive, que substituiu o antigo carreteiro que a ligava a

Arganil... Não é, de modo algum, a vida real das aldeias que lhes proporciona o seu aspecto e o ritmo do seu crescimento. Elas vivem e crescem em função de outras terras e outras gentes, junto das quais os seus filhos buscam e encontram trabalho e remuneração compatível com os seus desejos e a sua dignidade de homens.

A Aveleira — A Aveleira é também um povoado típico na paisagem humana do xisto — mas da paisagem isolada, que até hoje não sofreu remodelação alguma. Se na fisionomia da Lomba e, sobretudo, na da Nogueira, estão vivas as marcas do destino de exódo da actual vida rural da montanha de xisto, a fisionomia da Aveleira encontra-se vazia de expressão neste sentido. As suas casas de pedras sobrepostas (est. VII), de telhados de lousa muitas vezes reparados com telhas, repetem o aspecto das casas primitivas definidas anteriormente; os mesmos anexos, por vezes longe da povoação, de tipo palheiro — quantas vezes adaptados a curral —, o mesmo tipo de apropriação do magro solo, que aos socalcos exíguos deve a sua existência. Contudo, a sensação de arranjo, de gosto e amor que os campos, as casas novas e até as ruas da Nogueira revelam, perde-se nesta aldeia, «parente pobre» da comunidade em causa. Os montes de mato onde a roupa é posta a corar, por vezes, e em que as raras crianças com frequência encontram campo para as brincadeiras, avolumam-se frente às habitações; em completa liberdade, porcos e galinhas trepam pelas ruas íngremes, quando se não empoleiram as últimas nos telhados das casas baixas, procurando furtar-se à perseguição que, a dada altura do dia, pretende conduzi-las ao poleiro. Uma única família abastada, possuidora de um rebanho de ovelhas e cabras, relativamente elevado, de casa de pedra em que o reboco exterior denota já os sinais de evidente envelhecimento, de leiras e forno a que recorre a maior parte da restante população, socorre por vezes — embora tirando partido disso — aqueles que necessitam partir e não têm o mínimo de dinheiro indispensável para isso. A sua área de acção neste sentido expande-se para o lado de lá da cumeada da serra: a Nogueira e a Lomba, embora em muito menor escala que a Aveleira, dadas as melhores perspectivas das suas populações, não desdenham, quando necessário, esse auxílio. Estranho entretanto

que seja exactamente o mais pobre e decadente dos três povoados, aquele que melhor simbolize o capital da região...

A aldeia não tem condição alguma de subsistência. Colocada quase no topo da serra, na sua encosta sueste, evidente se torna que não surgiu em função das perspectivas oferecidas pelo magro solo abrasado às possibilidades rurais. A agricultura, como complemento de vida pastoril, comprova a sua existência anterior à época actual, nos estreitos e imperfeitos socalcos, sobre que se ergue a aldeia. Entretanto, a concentração de esforços hoje verificada provém da quebra da sua vida de pastoreio, como anteriormente expusemos. A aldeia tentou subsistir nos moldes de vida da Nogueira, mas nem a natureza nem a tradição a ajudaram nesse sentido. Os homens que da Aveleira emigram, dissemos, não voltam mais. Um único homem moço e alguns raros velhos que não saíram outrora do «povo», denotam apenas, quanto a nós, impossibilidade material de o fazer. Seis únicas crianças, das quais três filhas do primeiro e uma do mais avançado em anos, é o que representa a geração última desta aldeia de catorze fogos. Com a notícia de um fogo em 1527, cinco em 1758, onze em 1911 e em 1940 e a dos fogos actuais, nota-se facilmente a lentidão de crescimento dum núcleo que, hoje estagnado, apenas simboliza, na paisagem serrena da Aveleira, o desequilíbrio estabelecido com a natureza, em função da evolução dos costumes e da remodelação da forma de utilizar os recursos naturais que resulta do decurso dos tempos e das determinantes humanas. Isso e nada mais.

A COMUNIDADE DE ALDEIAS

As aldeias em que a nossa atenção se tem demorado não revelam, perante as que se enquadram numa semelhante paisagem, particularidades tais que delas as dissociem. Entre si, para lá das gradações que decorrem do facto de se terem estabelecido, no passado, em função de diferentes perspectivas de subsistência — gradações que revelam tais contrastes —, as suas técnicas rotineiras de apropriação dos magros recursos naturais nivelaram-nas no aspecto e na expressão humana das suas gentes. Agricultura pobre, inexistência tradicional ou recente de pastoreio, deslocação populacional, em larga escala, para o

estrangeiro, Ultramar ou Lisboa, são traços comuns, constantes, irredutíveis.

A Nogueira foi, dentre todas, a que primeiro se estabeleceu. Em 1527, os seus dezasseis fogos contrastam com o único que assinala o lugar da Aveleira, na serra do mesmo nome. Primórdio duma póvoa recente da primeira aldeia? Não é possível acreditarmos em tal, já porque dezasseis fogos constituindo o lugar da Nogueira, com uma ribeira à sua frente em que expandir-se, não justificam a transferência de gentes para o lado de lá da cumeada da serra, já porque a situação do lugar recente revela um novo propósito de subsistência, que se não integra na tradição duma aldeia rural. A fixação desse morador isolado, quase no topo da serra, na sua encosta virada a sueste e desligado da procura de água, não sugere a existência da Nogueira, algures, aliás dele desarticulada, pela dificuldade de acesso. Donde se desintegra, pois, esse primeiro fogo da Aveleira? Tão longe quanto nos levaram as nossas pesquisas, essa notícia perde-se. Lógicamente ele deveria filiar-se em qualquer outro povoado serrano, de tradição pastoril, a menos que corresponda a uma família de todo desenraizada do solo em que nasceu e que pode ser qualquer. O que nos importa, porém, é a dissociação que, no passado, julgamos poder afirmar quanto às origens e comuns tradições dos lugares da Nogueira e da Aveleira.

Pelo contrário a Lomba, por demais o afirmámos, filia-se na Nogueira — aliás legitimamente, pois que o seu nome herdou e o não esqueceu. *Lomba da Nogueira*, increve-se nos documentos que se lhe referem no século XVIII (1758) e por tal denominação a designam, ainda hoje, os seus moradores. Dos motivos que, de resto, induzem à aceitação de tal hipótese, levantada desde o primeiro momento, já oportunamente se disse. Por ora apenas se impõe marcar a oposição que, neste sentido, entre a Lomba e a Aveleira se evidencia relativamente à Nogueira. E isso porque, paradoxalmente, todas hoje se encontram ligadas por laços afins. Tornada exclusivamente rural e acelerada a sua decadência, a Aveleira arrasta uma existência precária, prestes a extinguir-se. A Lomba vive actualmente um ritmo mais vivo que a Nogueira, em função da industrialização de Arganil, embora entretanto se rasguem a ambas as mesmas perspectivas. Mas é a Nogueira a de maior projecção no pequeno círculo que as delimita. A sua vida monótona decorre na espe-

rança do primeiro domingo de Setembro, em que surge o seu dia de romaria, e a volta esporádica de grande número dos seus filhos ausentes. A pequena e recente capela, constantemente cerrada, mesmo aos domingos, que os aldeões passam sem missa, abre-se a todos que não desdenham ouvir o sermão que o Padre de Arganil uma vez por ano lhes dirige. Os santos novos — novos no aspecto das imagens e nas épocas que traduzem: Santo António e Santa Filomena — justificam uma longa procissão em função da qual as janelas se enchem de rostos, muitos deles estranhos ao dia-a-dia da aldeia. A «banda», composta de voluntários da vizinhança, dispersa os seus membros às horas das refeições pelas diferentes casas que disputam o prazer de os ver sentados às suas mesas, e de lhes oferecer uma infinidade de pratos de todas as carnes que possuem, num esquecimento espontâneo da falta em outros dias. A festa é esperada com ansiedade, indistintamente na Nogueira e na Lomba, e nela surgem, participando activamente também, as pessoas da Aveleira. É a única para as três aldeias, e só é da Nogueira porque foi ela que a criou, criando a capela, a procissão, o engalanar das ruas, a tradição da sua existência. É a festa o elemento de ligação entre todas, a que polariza todas as esperanças de alegria das suas vidas tão pobres em recursos, esperanças e alegrias. Por isso se reveste dum significado especial. Irmanados num único ponto de partida (as pobres técnicas de subsistência — surgidas entretanto em tempos e contingências diversas), estes «povos» irmanam-se também nos traços recentes da sua cultura popular, e, mais ainda, no elo que em si estes representam, relativamente aos seus filhos distantes — filhos que voltam quando podem voltar: os que estão em Lisboa; que comunicam então saudosamente com as famílias, quando não podem voltar: os que estão «fora», no Ultramar, no Brasil...

É apenas nestes traços comuns que assenta o critério de comunidade destas aldeias próximas, de origens díspares e destinos afins. Consciência disso só elas possuem, isoladas do mundo e da vida actual, que apenas as aflora por intermédio dos homens que a pobreza de recursos obriga a emigrar e que o sortilégio da serra de novo chama a si. Interdependência entre elas não existe: apenas laços — laços de família, de amizade, de vizinhança. A taberna da Lomba, servindo a Nogueira

tanto como a própria terra, apenas marca mais e mais o isolamento destas pobres aldeias tão próximas afinal da vila — a vila que é para elas quase só o mercado de quinta-feira, no largo grande à entrada. Nenhum outro vínculo, nem sequer espiritual. Raros os aldeões que participam da missa ao domingo, em Arganil. Missa para eles, a de Setembro, a da procissão. Religião, a da solidariedade humana, que bebem, de pequenos, nos hábitos dos mais velhos, que aprendem no alvejar da capela, da escola, e no pó da estrada, construídas por eles, com o dinheiro de todos, daqueles que mais podem, porque mais labutaram longe — o dinheiro que significa uma vida inteira de sacrifício e saudade deste povo, profundamente preso a um solo ingrato que lhe nega a possibilidade de subsistir.

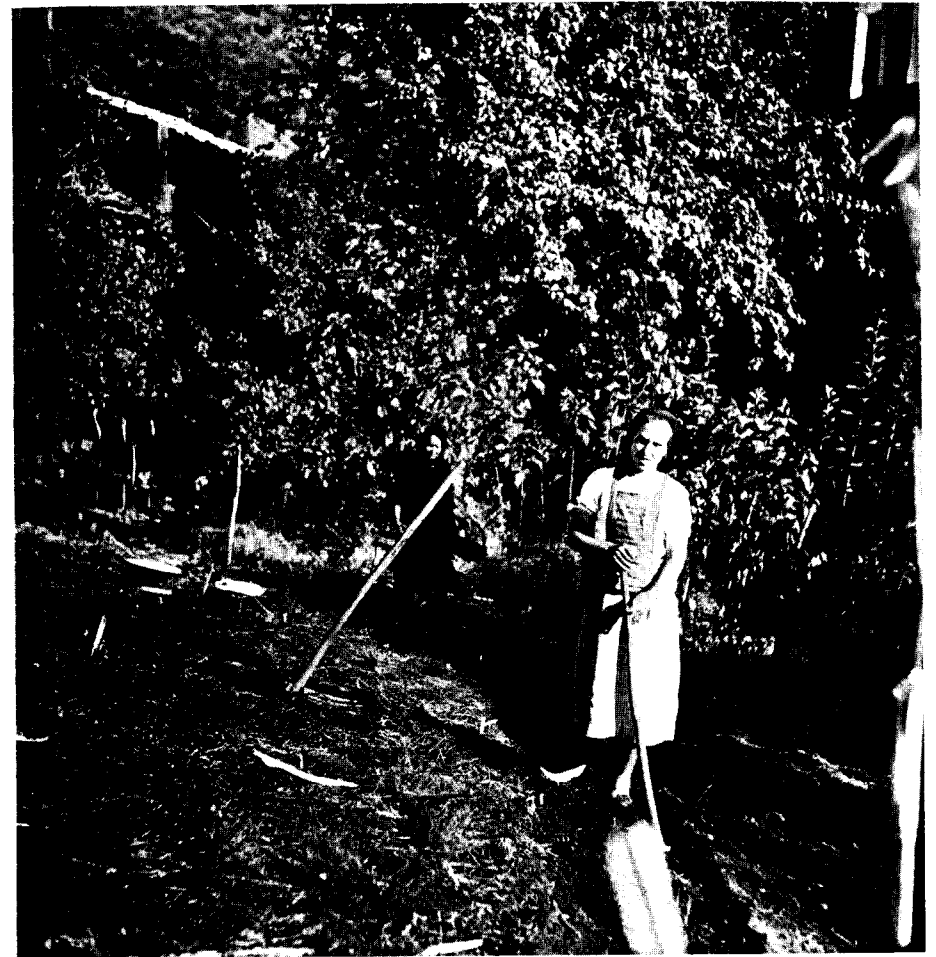
MARIA ALFREDA CRUZ

RESUMÉ

Étude de trois petits villages de la croupe schisteuse d'Aveleira, dans la serra de S. Pedro de Açor. Deux d'entre eux, dont l'un n'était autrefois qu'un hameau de culture (*póvoa*) du plus ancien, se vouent à l'agriculture selon des formes analogues, alors que le troisième, situé sur le versant opposé, ne considère les cultures que comme un complément à l'élevage du petit bétail. Malgré ces différences d'évolution, ces villages, à structure sociale élémentaire, sont unis tant par une égale routine dans leurs techniques et leur mode de vie, que par un même destin d'exode incessant. Si celui-ci tend à les saigner de leurs forces vives, il leur assure par contre un développement que le seul milieu serait incapable de supporter. La fête annuelle peut être considérée comme le symbole de cette contradiction. Bien qu'elle ne repose sur aucune tradition ancienne, elle a marqué profondément le village qui l'abrite et constitue un lien puissant entre les trois villages et tous les hommes dispersés à travers le monde qui n'ont jamais perdu l'espérance d'y revenir.



Est. I — *Lomba*. — «Chão» da Ribeira, enquadrado por vertentes. No primeiro plano, o milho temporão contrasta com o da várzea, onde a árvore se dissemina pelos campos. Na vertente fronteira, revestimento de pinheiros.



Est. II — *Nogueira*. — Rega da batata no «Chão» da Ribeira. Notar os regos de água escavados no solo, coberto de estrume.



Est. III — *Nogueira*. — «Poiais». Lado a lado, talhões de milho e de horta. Amontoados de mato estrumado nas terras ainda sem cultivo. Parcelamento extremo da propriedade. Acima dos socalcos, olival. No primeiro plano, vertente coberta de mato; no último, pinhais particulares.



Est. IV — *Nogueira*. — Tipo de casa evolucionada, nos moldes da economia da região. Loja colocada como anexo, com o telhado privativo duma só água. A cobertura do sobrado, de duas águas, é cortada pelo «forro» e pela chaminé. Ausência de escada exterior. Colmeias e terraço para a secagem de espigas contribuem para a extrema diferenciação de funções.



Est. V, A — *Nogueira*. — Vista parcial. Aldeia «branca», coroada por socalcos de milho. No primeiro plano, o mirante que se converte em coreto, nos dias de festa. (Fot. Maria Adelaide Salvado).



Est. V, B — *Nogueira*. — Carregando mato para a loja do gado. A direita, casas primitivas transformadas em palheiros. (Fot. Maria Adelaide Salvado).



Est. VI — *Lomba*. — Recanto de pátio interior. Carro de bois
à entrada dum forno.



Est. VII — *Aveleira*. — Tipo tradicional de casa de xisto, com blocos de quartzo. Cobertura de lousa e escada exterior para o sobrado, em cujo vão se dissimula o «poleiro».